

Resenhas Críticas

GADOTTI, Moacir. *Escola vivida, escola projetada*. Campinas: Papirus, 1992. 161p.

O livro constitui um relato autobiográfico no qual o autor apresenta seu itinerário teórico e prático. Nele faz também um exame crítico de sua atuação como educador e militante político.

Consistindo num conjunto denso de ensaios, a obra resulta do memorial apresentado por Moacir Gadotti, em 1991, à Comissão Julgadora do concurso para o cargo de professor titular da disciplina "Organização do Trabalho na Escola", junto à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Na elaboração desse trabalho, o autor recorre a uma reflexão que vinha fazendo desde 1986, quando se submeteu ao concurso de livre-docência na Universidade de Campinas, apoiando-se ainda em obras já publicadas, a exemplo do capítulo oitavo do livro *Pensamento Pedagógico Brasileiro*, editado pela Ática em 1987.

Moacir Gadotti, um autor que prescinde de apresentação a seus leitores, conta na introdução de

Escola Vivida, Escola Projetada um pouco do que fez e viveu, bem como um pouco das dificuldades encontradas em relação àquilo que realizou até hoje, e dos mestres com os quais conviveu e que o fizeram progredir como educador. Na mencionada introdução, faz ainda referência ao seu modo de ser e agir no mundo, seus valores, interesses e gostos, seus relacionamentos familiares, sua militância político-partidária, bem como seus enganos a respeito de idéias e pessoas. Enfim, conta lições que aprendeu dessa escola chamada vida e adverte ao leitor que seu livro resulta de uma releitura daquilo que escreveu e, também, do que procurou realizar no campo da educação. Por isso, o livro está dividido em duas partes, a *saber*. "*Caminhos da construção da escola cidadã*" e "*A teoria na prática da pesquisa, da consultoria e nos projetos de ação*", onde procura evidenciar a aliança entre teoria e prática.

Na primeira parte, o autor reúne nove textos, nos quais retoma

sua atividade acadêmica, expressa numa significativa produção intelectual. Gadotti reflete e leva o leitor à reflexão dos temas que o preocuparam ao longo de sua trajetória profissional, os quais surgiram de seu envolvimento com os problemas educacionais brasileiros. Resaltamos, a seguir, os elementos essenciais de seu pensamento extraídos dos escritos aqui reunidos.

O pensamento que vem alimentando as posições educacionais de Gadotti foi marcado, inicialmente, pelo personalismo e pela fenomenologia e, posteriormente, pelo marxismo. O autor confessa ter tentado fazer uma leitura pedagógica não positivista de Marx, isto é, buscar nele o educador político de uma classe, seja no rigor de sua linguagem, seja em sua paixão, seja ainda na sua utopia.

Dentre as pessoas que contribuíram para a formação do seu pensamento filosófico-pedagógico, destaca-se Paulo Freire, de quem foi discípulo e colaborador em diversas situações. Dele hauriu a concepção dialógica do ato de ensinar-aprender, matriz de uma visão democrática da escola; a preocupação em associar a teoria à prática, e em aliar sua atividade política à atividade

pedagógica, características que permeiam todo seu pensamento e ação.

Gadotti entende a educação como um fenômeno dinâmico e permanente como a própria vida, sendo que o educador busca conhecer justamente esse fenômeno para compreender melhor o que faz. Para o autor, a educação, cujo fim é a formação da consciência crítica e a transformação social, constitui sempre um combate, certamente um combate em favor de uma sociedade mais justa, por mais igualdade, por menos seletividade.

Apoiado na concepção dialética marxista da educação e da realidade, advoga uma pedagogia do conflito, que evidencie as contradições em vez de camuflá-las, e que esteja consciente do que, historicamente, é possível fazer. Esta pedagogia é entendida, não como alguma coisa pronta, fruto de deduções lógico-formais, um catecismo pedagógico. Não é uma teoria estruturada para se opor a outras teorias, a outras concepções de educação. É um pressuposto para a própria ação pedagógica, que consiste em não se prender a dogmas, em buscar a transparência, em

não ser conduzida por preconceitos, em buscar o essencial, que é o aprimoramento do próprio existir humano social. A partir desse elo fundamental, que não pode ser perdido de vista, é que a prática educativa pode ter um sentido realmente revolucionário.

Uma pedagogia do conflito supõe, portanto, não só uma dialética da sociedade (a explicitação dos mecanismos de dominação e exploração), mas igualmente uma dialética do indivíduo, o que implica uma ética da esperança.

Nesta linha de raciocínio o papel do educador numa sociedade injusta e em conflito só pode ser crítico e revolucionário. Seu papel é o de inquietar, incomodar, perturbar. Na luta por uma sociedade de iguais, o educador crítico utiliza-se das armas de que dispõe: a formação da consciência e a organização da sua categoria, associando as lutas políticas do oprimido às lutas pedagógicas. A posição desse educador é incômoda e incômodadora, pois, de um lado, o sistema educacional dominante o pressiona no sentido da reprodução da sociedade injusta e, de outro, ele opta pela transformação dessa sociedade. A luta pedagógica é uma tensão

constante entre esses dois pólos antagônicos.

Assim, a tarefa do educador, nessa sociedade, é a de criar condições objetivas que favoreçam o aparecimento de um novo tipo de pessoa: solidária, organizada e capaz de superar o individualismo, valor máximo da educação capitalista. No contexto da dominação política e da exploração econômica, o papel do educador revolucionário é um papel contra-hegemônico.

Nota-se, portanto, a preocupação clara do autor de unir o pedagógico e o político, constituindo este uma dimensão essencial daquele. Defende a tese de que a educação, além de ser um ato político, é um "ato político-partidário", na medida em que todos os partidos políticos deveriam ter uma política educacional. Política que, a médio e a longo prazos, o partido deveria traçar a respeito de seu ideal de educação, de sua utopia pedagógica, e de seu projeto educativo.

Neste contexto, a prática coletiva desempenha papel fundamental, pois ela é vista como a fonte mais viva da teoria, entendendo-se aqui por "coletivo" a experiência histórica da própria categoria de educadores e da classe trabalhadora,

justamente em função das quais o trabalho coletivo na escola faz sentido. É na prática coletiva da classe trabalhadora que é preciso buscar a fonte de inspiração para a ação e a teoria pedagógicas que estejam comprometidas com os interesses dessa classe.

Ao concluir esta primeira parte do trabalho, o autor propõe uma escola autônoma e cidadã, a qual denomina de "escola pública popular", que, antes de tudo, seja democrática e que possua caráter social comunitário. Essa escola, uma vez implantada, substituiria a escola pública estatal e burocratizada de hoje.

Na segunda parte da obra, igualmente constituída de nove capítulos, Gadotti analisa suas experiências na pesquisa, na consultoria e nos projetos de ação, todos desenvolvidos ao longo de sua carreira como pesquisador, associando sempre a teoria à prática, e procurando não perder de vista a afinidade íntima e dialética entre educação e política, entre atividade acadêmica e prática concreta.

Desse modo, sistematiza as principais pesquisas por ele desenvolvidas, e seus desdobramentos, analisando seus resultados qualita-

tivos; em seguida, faz uma reflexão sobre suas atividades de consultoria ou prestação de serviços, que lhe permitiram socializar aprendizagens adquiridas com a docência na pós-graduação em educação, em várias universidades, e que lhe tornaram possível fazer dessas ocasiões um ato político-pedagógico.

Em suma, repensa os projetos de ação que tem desenvolvido, defendendo a idéia da ação direta de intervenção na realidade. Estes projetos têm como finalidade a realização de estudos e pesquisas, a prestação de serviços técnicos, e a promoção de atividades de formação política, os quais procuram valorizar a diferença, a dialética do indivíduo ou do singular, do pessoal, do simples, e do particular. "É a própria idéia que Marx, Lenin e Gramsci faziam da dialética que é: partir do particular, do concreto, para ganhar depois universalidade e generalidade e retornar novamente ao particular, ao singular." (p. 132)

A passagem pela administração da educação — participando na formulação de políticas educacionais para o Estado de São Paulo, no governo de Franco Montoro, e atuando junto à Secretaria Municipal da Educação na gestão de Paulo

Freire, no governo de Luiza Erundina — foi mais uma oportunidade para Gadotti colocar em prática sua visão teórica da educação e para tirar novas lições, dentre as quais destacamos:

— é possível inserir o popular no público, no estatal;

— o trabalho intelectual do educador encontra na prática administrativa uma fonte inesgotável de aprendizado teórico;

— a participação pode ser institucionalizada, na medida em que houver receptividade por parte do governo e que os canais de participação estejam suficientemente enraizados no movimento dos educadores para que eles tenham continuidade apesar das mudanças de governo;

— um obstáculo encontrado foi o da visão administrativa que predomina na concepção da política educacional brasileira, que elimina ou esconde a questão do poder.

Finalmente, Gadotti reflete sobre o sentido, o alcance do seu engajamento político-partidário e do seu apoio contínuo ao Partido dos Trabalhadores, apesar das inúmeras contradições apresentadas

por este partido. Ele considera seu envolvimento com a atividade partidária muito importante para sua formação: "...o Partido dos Trabalhadores foi, para mim, uma grande escola. Sempre dizia que ele representava uma verdadeira 'universidade'" (p.24). Tal engajamento permitiu-lhe participar, igualmente, de projetos de ação, associando atividade acadêmica e prática concreta, como a "Campanha de Alfabetização de Diadema", no Estado de São Paulo, no biênio 1984 a 1986, e o Movimento de Alfabetização na Cidade de São Paulo, conhecido como MOVA-SP, de 1989 a 1991.

Buscando relatar com segurança e tranqüilidade sua trajetória pessoal, no âmbito acadêmico-profissional e político, Gadotti apresenta em *Escola Vivida, Escola Projetada* um texto cuja leitura é recomendada, tanto às pessoas que conhecem sua obra como àquelas que se iniciam no conhecimento do seu pensamento pedagógico. Para as primeiras, o presente livro oferece uma visão de conjunto das teses do autor, bem como de sua atuação enquanto educador e político; para as demais, o texto certamente aguçará a curiosidade de

aprofundar algumas das suas propostas, como por exemplo, a que se refere à autonomia escolar, que é desenvolvida nos livros: *Uma só Escola para Todos: Caminhos da Autonomia Escolar*, publicado pela Editora Vozes, em 1990, e, posteriormente, em *Escola Cidadã:*

uma Aula sobre a Autonomia da Escola, editado pela Cortez e Autores Associados, em 1992.

Célia Pereira Maduro Neto
União Educacional de Brasília
(UNEB)